

MITO E RELIGIÃO NOS FESTIVAIS ESPORTIVOS GREGOS DO PERÍODO CLÁSSICO

Fabio Bianchini Rocha (LHIA/UFRJ)

Esta comunicação reflete os primeiros contatos com nosso objeto de pesquisa, que visa analisar os principais aspectos relacionados com a prática de modalidades esportivas na *pólis* dos atenienses do Período Clássico (Séculos V e IV a.C.). Nosso trabalho é desenvolvido no Laboratório de História Antiga do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Professor Doutor Fábio de Souza Lessa e conta com auxílio do PIBIC – CNPq.

Ao estudarmos os festivais esportivos gregos, devemos ter em mente que as disputas atléticas no mundo helênico durante o Período Clássico representavam muito mais que apenas embates esportivos. Analisaremos tais eventos como elementos de identidade e coesão social naquele tempo, quando se constituíam em “festa e em espaço de integração social, sendo um *locus* privilegiado para a construção da memória *políade*.” (LESSA, 2005:327).

Entretanto, antes de analisarmos os eventos esportivos no que tange a questão mítica e religiosa, é fundamental que pensemos na importância que as práticas atléticas exerciam naquelas sociedades. É de extrema importância afirmar que as práticas esportivas entre os gregos do Período Clássico não são apenas uma forma de entretenimento bastante apreciada. Tais atividades devem ser consideradas elementos de extrema importância naquela cultura, visto que a prática do atletismo era parte integrante e fundamental da *paideía* helênica, envolvendo e relacionando inclusive, “todo um conjunto de preocupações, higiênicas e médicas, estéticas e éticas a um só tempo” (MARROU, 1990:185).

A prática de esportes sempre esteve intimamente ligada à dinâmica *políade*, pois além de fazer parte do processo educacional, constitui um dos principais meios de socialização. Tanto o espaço físico de treinamento quanto os festivais esportivos faziam possíveis a reunião de um número elevado de

cidadãos, possibilitando a exposição de idéias, a realização de discursos e a interação social, por exemplo. É considerada, inclusive, indissociável das relações sociais, de um contexto sociocultural (VANOYEKE, 1992:13). Além disto, as atividades esportivas estão intimamente relacionadas com as atitudes que a *pólis* espera de um cidadão, assim como relacionadas com todo um conjunto de valores que regiam a sociedade grega do Período Clássico, tais como: a *koinonia*, o ideal *agonístico*, a expressão da força, agilidade, coletividade, desnudamento, coragem (*andreía*), virilidade, honra, *areté*, etc.

Desta forma, a prática esportiva constituía uma forma invariável para o homem grego atingir o *status* de cidadão ideal. Para ser “enquadrado” neste modelo, o heleno obrigatoriamente deveria ser forte, viril, corajoso (como citado acima); lutar na linha de frente de batalha; participar ativamente da vida pública; obedecer às leis; beber o vinho; cultuar os deuses; cuidar dos pais na velhice; casar; ter filhos do sexo masculino e praticar esportes. Além disso, segundo José Carlos Rodrigues, a utilização do corpo como sistema de expressão não possui limites (RODRIGUES, 1983:97). Desta maneira, podemos concluir que expondo um corpo saudável e belo, o cidadão estaria expondo também a beleza e o bom andamento de sua *pólis*. A forma utilizada para modelar o corpo e atender a essa expectativa era sem dúvida a prática do atletismo.

Desta forma, os gregos consideravam as práticas atléticas como um meio de conservar a saúde ou de reencontrá-la. Apaixonados pelos jogos e pelos concursos, eles inventaram os enfrentamentos competitivos do estádio para satisfazer seus gostos de luta e de rivalidade. Sendo que na Época Clássica, o esporte se tornou meio para adquirir a beleza e a força (VANOYEKE, 1992:15)

Euforizando os benefícios que o exercício físico traz ao corpo, Aristóteles descreve a beleza de um jovem praticante da modalidade mais completa do programa atlético: o pentatlo: "um corpo capaz de suportar todos

os esforços, seja no estádio ou exercendo força física... Este é o motivo porque os atletas do pentatlo são mais belos." (ARISTÓTELES. Retórica, 1361b).

Na *pólis*, a prática de esportes é sinônimo de civilização, por isso os não gregos estão afastados dos jogos. Enquanto prática social e cultural, as atividades esportivas, além de manterem a unidade/identidade dos cidadãos, se constituem em uma das formas de leitura da estrutura social *políade*, explicitando o seu caráter agonístico (LESSA, 2005:329).

Na visão de Fabio de Souza Lessa, os jogos esportivos produziam a identificação social, marcando-se bem o *eu* e o *outro*; representavam uma ocasião de promoção social individual, familiar ou de grupo, implicando prestígio social; materializavam a identidade sociocultural helênica; promoviam a situação de comunidade, de unidade, diminuindo a situação de dispersão social, uma comunicação direta, promovendo a coesão cívica e elevando o cidadão à condição de herói.

Os jogos representavam um momento de caráter religioso, educativo, de reflexão sobre o corpo, de competição (*agón*) e de poder (*arché*). Além de ter o objetivo de equilibrar e diluir as tensões promovidas pela ordem político, ideológico, religiosa e a ordem privada do *oîkos*, os jogos também devem ser observados como veículos de publicidade, de reprodução ideológica, formadores e reforçadores das virtudes dos cidadãos e de liberação das tensões sociais (THEML, 1998:58).

É comum verificarmos na historiografia contemporânea a afirmação de que todo ato público na *pólis* é um ato religioso. Os festivais esportivos se enquadram perfeitamente neste perfil, pois além de estabelecer uma solidariedade comum e de se constituírem em ritual religioso, acontecem em santuários, reservando para os vencedores toda uma gama de honrarias e "mitificação", elevando-o ao *status* de herói. As obras do poeta tebano Píndaro refletem perfeitamente este ponto de vista, quando observamos em seus versos que "os vitoriosos recebem o dom das Musas, assim como a ambrósia, alimento reservado aos deuses". Segundo o historiador grego Nicholas

Yalouris, a vitória nos jogos era a mais alta honra a que um mortal podia certamente aspirar, compartilhando, inclusive, do esplendor dos deuses e da vida atemporal dos primeiros vencedores míticos (YALOURIS, 2004:82).

O caráter mítico e religioso das competições atléticas vem desde sua gênese. Os primeiros jogos foram realizados em homenagem aos deuses e ao lendário Pélops. A lenda grega nos revela que depois de se instalar na região, o herói quis casar-se com Hipodâmia, filha de Enômaos, rei de Pisa. Enômaos recusava sistematicamente os pretendentes e, para afastá-los, estabeleceu que a mão de Hipodâmia seria o prêmio do vencedor de uma corrida de carros contra ele; quem não o vencesse, morreria. O rei tinha cavalos divinos, presentes de Ares. Havia vencido facilmente os doze primeiros pretendentes e cortado suas cabeças, que pendurara na porta de sua casa para desencorajar os pretendentes seguintes. Mas Hipodâmia apaixonou-se por Pélops e o ajudou a subornar o cocheiro do rei, que sabotou o carro de Enômaos e assegurou a vitória de Pélops. Posteriormente toda a região foi renomeada em sua honra, passando a ser chamada por Peloponeso.

Em Olímpia, os próprios deuses olímpicos teriam realizado a primeira competição. Segundo a crença dos gregos, Zeus teria vencido Cronos na luta, enquanto Apolo teria superado Ares no pugilato e Hermes na corrida. Mais tarde, naquela localidade, o mítico herói Hércules instauraria as primeiras competições em pista, fixando daquela forma a dimensão do estádio segundo suas passadas e instituindo a premiação em uma coroa de ramos de oliveira.

Outra possibilidade que consideramos quando estudamos o surgimento dos concursos atléticos são os jogos fúnebres. Realçando e homenageando as virtudes do futuro herói e guerreiro morto em combate, seus companheiros *hoplitas* instituíram tais competições. Tal fato pode ser observado na *Ilíada*, do poeta Homero. No canto XXIII, versos 257 a 897. Com a morte de Pátroclo, Aquiles organiza uma grandiosa competição esportiva para homenagear o amigo que padeceu à “bela morte”. Foram disputadas as modalidades: corrida de carro, pugilato, luta, corrida a pé, combate com armas, arremesso de disco,

tiro com arco e lançamento de dardo. A homenagem ao guerreiro morto através dos jogos é vista de forma tão importante e honrada que observamos a participação de todos os líderes militares que sitiavam Tróia. São eles: Eumelo, Diomedes, Menelaos, Antíloco e Meríones na corrida de carros; Epeios e Euríalo no pugilato; Odisseu e Ájax na luta; Antíloco, Ájax e Odisseu na corrida a pé; Diomedes e Ájax no combate armado; Polipetes aparece como vencedor do arremesso de disco; Teucro e Meríones no tiro com arco; e o próprio líder da campanha militar, Agamêmnon, é agraciado com o prêmio do lançamento de dardo.

Segundo Haiganuch Sarian, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, defende que tais competições também podem ser relacionadas com os ritos rurais da *pólis*, pois “a associação dos jogos atléticos ao mesmo tempo com os costumes funerários e com festas religiosas que buscavam a fertilidade da terra fundamenta-se numa ideologia de vida e de morte: da terra cansada nasce um broto e os jovens que participavam das competições se fortificavam ao homenagear os heróis mortos. Nos dois casos há uma correspondência com um ritual de revigoração, da terra e do morto, e em consequência da comunidade. Nesse contexto, enriquece-se o sentido dos jogos que, em sua origem, estaria também vivificando o grupo social” (SARIAN, 1996/1997:56).

Após avaliarmos as principais lendas e narrativas mitológicas acerca da gênese dos festivais esportivos, passemos aos principais eventos do calendário atlético do mundo grego.

O principal evento esportivo da *Hélade* foi sem dúvida o que acontecia em Olímpia. Eram realizados de quatro em quatro anos, desde 776 a.C., no mês de agosto. Os jogos eram em homenagem a Zeus, a Hércules (herói que os criou), e Pélops (primeiro vencedor da corrida de cavalos). A duração das competições era de cinco dias, pelo menos a partir de 472 a.C., e conserva-se a lista de vencedores no estádio até 217 a.C. Este festival era tão importante e respeitado que durante seu desenrolar, todos os conflitos helênicos eram

interrompidos e havia a trégua momentânea. O prêmio consistia em uma coroa de oliveira. As competições eram desportivas, mas para um povo em que a arte da retórica era de tal importância, não se perdia a oportunidade de discursar para um público tão grande. Atualmente, chamamos a própria competição de Olimpíadas, contudo, é necessário salientar que no mundo helênico, a nomenclatura “Olimpíada” se referia ao intervalo de quatro anos entre os jogos e não ao evento em si.

Em Delfos eram realizados os jogos Píticos em honra a Apolo. Eram disputados de quatro em quatro anos, no mês de agosto, intercalando-se com os jogos Olímpicos. Ocupa o segundo lugar em importância, tendo suas competições sido, provavelmente, idênticas às de Olímpia. A premiação consistia em uma coroa de louros. O caráter religioso aqui era ainda mais latente devido ao famoso “Oráculo de Delfos”, ao qual cidadãos de toda a *Hélade* vinham consultar as previsões da sacerdotisa de Apolo.

Os jogos Ístmicos eram disputados em Corinto, no mês de abril do segundo e quarto anos de cada Olimpíada, desde 581 a.C. Eram celebrados em homenagem a Poseidon, e tinham como prêmio, inicialmente uma coroa de aipo, e em seguida ramos de pinheiro.

Já em Neméia eram celebrados os jogos Nemaicos, realizados em julho do segundo e quarto anos de cada Olimpíada, desde 573 a.C. Também visavam honrar Zeus, e tinham como premiação uma coroa de aipo. É o único dos festivais que a natureza das provas não é conhecida.

As *Panatheneias* eram realizadas em Atenas, sendo as provas disputadas exclusivamente por cidadãos atenienses, sendo excluídas as mulheres e os estrangeiros. Eram celebradas de quatro em quatro anos, em honra de Athená, premiando somente o primeiro colocado em cada prova. O prêmio consistia em uma *Ânfora Panatenáica*, contendo azeite proveniente das oliveiras sagradas da *pólis*. Tal cerâmica tinha em uma das faces a representação da deusa Athená, com seu escudo, lança e capacete, e na outra face, a pintura da modalidade esportiva vencida pelo atleta premiado.

Verificamos, portanto, que a importância da prática de esportes e das disputas atléticas estão intrinsecamente relacionadas e são indissociáveis da dinâmica *políade* do Período Clássico, fazendo parte do cotidiano das sociedades helênicas, dos rituais religiosos e da educação grega no período referido.

Documentação textual

HOMERO. *Iliad/Odissey*. New York: St Martin Press, 1991.

PINDARE. *Olympiques*. Trad. Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1999.

Bibliografia

BARROS, Gilda Naécia. **As Olimpíadas na Grécia Antiga**. São Paulo: Pioneira, 1996.

CALAME, C. **Le Récit em Grèce Ancienne: Enonciations et Representations de Poetes**. Paris: Meridiens Klincksieck, 1986.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

HARRIS, Harold. **Sport in Greece and Rome**. Londres: Thames and Hudson, 1972.

LESSA, Fábio de Souza. "Corpo e Cidadania em Atenas Clássica". In: THEML, Neide., BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. & LESSA, Fábio de Souza. **Olhares do Corpo**. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2003.

LESSA, Fábio de Souza. Corpo, "Esporte e Masculinidade em Atenas". **Revista PHOÏNIX**. Rio de Janeiro, 10, 111-132, 2004.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: EPU, 1990.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SARIAN, Haiganuch. "Culte Heróique, ceremonies funèbres et l'origine des Jeux Olympiques". **Clássica**, São Paulo, v. 9/10, n. 9/10, p. 45-60, 1996/1997.



- SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.
- THEML, Neide. **O Público e o Privado na Grécia do VIII ao IV Séculos: O Modelo Ateniense**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.
- VANOYEKE, Violaine. **La Naissance des Jeux Olympiques e le Sport dans l'Antiquité**. Paris: Les Belles Lettres, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre. **O Homem Grego**. Lisboa: Presença, 1994.
- YALOURIS, Nicholas. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga: Olímpia Antiga e os Jogos Olímpicos**. São Paulo: Odysseus, 2003.